Como Citar:
Gallo-Belluzzo, S. R., Schulte, A. A., Visintin, C. D. N., Inacarato, G. M. F., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2021). Sofrimento emocional de pós-graduandos: Um estudo psicanalítico preliminar. In L. S. de L. C. Tardivo & R. X. Marigliano (Orgs.), XVII Jornada APOIAR: Violência social e autoinfligida – propostas de atenção e pesquisa (pp. 337–347) [E-book]. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

28- SOFRIMENTO EMOCIONAL DE PÓS-GRADUANDOS: UM ESTUDO PSICANALÍTICOPRELIMINAR

Sueli Regina Gallo-Belluzzo
Andreia Almeida Schulte
Carlos Del Negro Visintin
Gisele Meirelles Fonseca Inacarato
Tânia Maria José Aiello-Vaisberg

Resumo: A presente pesquisa objetiva investigar o sofrimento emocional de estudantes de pós-graduação na perspectiva da psicologia psicanalítica concreta. Justifica-se na medida em que se tem tornado frequentes, na clínica psicológica, demandas de jovens adultos motivadas por dificuldades e sofrimentos ligados à vida acadêmica. Organiza-se como uma pesquisa qualitativa com uso do método psicanalítico. Aborda, como material, dois depoimentos em vídeos de *Youtube* de alunos de pós-graduação. Exposições ao material, em estado de atenção flutuante e associação livre de ideias,permitiram a interpretação de três campos de sentido afetivo-emocional: “Exigidos infelizes”, “Exigentes insensíveis” e “Sistema cruel”. O primeiro campo organiza-se ao redor da fantasia de que os estudantes de pós-graduação sofrempor receberem demandas desmedidas de dedicação ao trabalho acadêmico. O segundo campo organiza-se ao redor da fantasia de que os sofrimentos provocados pelas demandas desmedidas não encontram acolhimento por partedos professores. O terceiro campo, organiza-se ao redor da fantasia de que o modo como se organiza o sistema de pós-graduação contribui diretamente parao sofrimento emocional de todas as pessoas nele envolvidas. O quadro geral revela que os estudantes vivenciam um descompasso entre o que considerariamrazoável, em termos de dedicação ao trabalho acadêmico, e aquilo que lhes é efetivamente demandado, em função do que vivenciam como sofrimento emocional. O ambiente acadêmico não é visto como suficientemente sustentadorpelo estudante em processo de formação como pesquisador, chamando à atenção o fato de os professores figurarem como pessoas pouco compreensivase pouco sensíveis. Por outro lado, destacam-se as considerações relativas ao

sistema educacional, ao modo como está organizada a pós-graduação brasileirae como os sofrimentos de pós-graduandos e docentes são efeitos das políticas neoliberais vigentes no país.

Palavras-chave: estudantes universitários, sofrimento social, método psicanalítico, pesquisa qualitativa

A presente pesquisa fundamenta-se no fato de que temos nos deparado,na clínica psicológica contemporânea, com jovens adultos que apresentam manifestações de sofrimento emocional, a seu ver, diretamente vinculadas às demandas da vida universitária (Winkler, 2019). Tal sofrimento pode se concretizar sob forma de mal-estar emocional relativamente moderado, mas também como quadro psicopatológico preocupante, podendo incluir depressão e ideação suicida.

Vários pesquisadores têm se dedicado a investigar condições de vida dessa população, que geram sofrimento psíquico, tais como Costa et al. (2014), Silva, Cerqueira e Lima (2014), Silva e Cavalcante-Neto (2014), Graner eCerqueira (2019), que identificaram algum transtorno mental, como estados mistos de depressão e ansiedade, com presença de sintomas como insônia, fadiga, irritabilidade, esquecimento, dificuldade de concentração e queixas somáticas entre 18,5% a 44,9% dessa população. Outros trabalhos, como o de Vizzotto, Jesus e Martins (2017) e Vasconcelos-Raposo, Soares, Silva, Fernandes e Teixeira (2016), apresentam resultados convergentes que apontamtambém uma predisposição dos estudantes a sintomas de ansiedade, estresse e depressão.

Acreditamos que a clara vinculação, que os próprios estudantes estabelecem, entre seu sofrimento e as condições da vida acadêmica mostra-sesuficiente para nos alertar sobre o fato de nos encontrarmos diante de uma forma particular de sofrimento emocional socialmente determinado. O conceito de sofrimento social, descrito inicialmente por Dejours (1980), focalizava especificamente sofrimentos associados ao contexto do trabalho, mas foi posteriormente ampliado, abrangendo situações que afetam grupos que vivem

em condições adversas, como pobreza, tortura, violência contra a mulher,racismo, entre outras (Kleinman, Das & Lock, 1997).

Cabe considerar que o conceito de sofrimento social corresponde a uma noção central na psicologia psicanalítica concreta (Bleger, 1963/2007), na medida em que essa perspectiva teórica parte de uma antropologia segundo a qual os seres humanos são fundamentalmente sociais (Bleger, 1963/2007). Desta forma, quando adotamos esse referencial, podemos afirmar que, em sentido amplo, todo sofrimento é social, quer atinja pessoalidades individuais, quer coletivas. Contudo, concordar com essa afirmação não nos impede de admitir que possa valer a pena reservar a expressão sofrimento social – *social suffering* – para referir aos padecimentos muito diretamente vinculados a contextos sociais.

De acordo com nossa experiência clínica, as condições de estudantes noinício e no final do curso de graduação podem variar profundamente, em funçãodas questões de vida que são colocadas nesses diferentes momentos. Por outro lado, temos constatado, em nossa prática, que as questões enfrentadas na graduação e na pós-graduação podem diferir bastante entre si. A nosso ver, fica, assim, justificada a proposição de pesquisa que possa focalizar cada um desses períodos separadamente.

A partir dessas considerações, estabelecemos o objetivo de investigar sofrimento emocional de estudantes de pós-graduação, desde a perspectiva da psicologia psicanalítica concreta. Assim fazendo, visamos produzir conhecimento que possa ser útil na clínica dos sofrimentos sociais de jovens adultos, em vertentes preventivas e interventivas.

Fundamentos e Procedimentos Metodológicos

Trata-se de uma pesquisa qualitativa com o método psicanalítico. Conforme aponta Herrmann (1979), enquanto existe um único método psicanalítico, são múltiplas as teorias e tratamentos psicanaliticamenteorientados. Isso ocorre porque o método tem primazia com relação a teorias e procedimentos clínicos dele derivados. Neste sentido, cumpre esclarecermos que, entre as várias perspectivas teórico-metodológicas psicanalíticas, adotamos a psicologia psicanalítica concreta (Bleger, 1963/2007), que se insere no paradigma relacional (Greenberg & Mitchell, 1983). Politzer (1928/1998) apontou, pioneiramente, a duplicidade discursiva no interior do

texto freudiano, a saber, as perspectivas metapsicológica e clinico-dramática. Concordando comPolitzer (1928/1998), Bleger (1963/2007) entendeu que a primeira perspectiva deveria ser abandonada, na medida em que estaria vinculada a uma forma positivista e fisicalista de pensar a ciência. A segunda, harmonizar-se-ia com visões filosóficas segundo as quais as ciências humanas apresentamespecificidades que devem ser levadas em conta.

Sob a égide da perspectiva clínico-dramática, fundamentamo-nos na psicologia psicanalítica concreta (Bleger, 1963/2007). Deste modo, valemo-nos de três principais conceitos por meio dos quais se teoriza o material. O primeirodeles é a conduta, noção por meio da qual se abarcam todos os atos humanos, independentemente de se expressarem simbolicamente, corporalmente, por meio de ações no mundo externo ou por meio de produtos derivados dessas ações. O conceito de conduta aplica-se tanto a atos individuais como a atos de pessoalidades coletivas, de caráter transindividual. O segundo conceito metodológico, aqui utilizado, é o de campo de sentido afetivo-emocional, que corresponde ao substrato afetivo-emocional a partir do qual emergem os diferentes atos, já que esse referencial teórico critica a ideia de que esses derivam simplesmente do que se passa no psiquismo individual. Podemos afirmar que os campos equivalem a um inconsciente intersubjetivo habitado porindivíduos e grupos. O terceiro deles, vale dizer, o conceito de imaginário comoconduta e como campo corresponde a uma noção descritiva que se tem provadoútil na comunicação entre pesquisadores. Vale a pena chamar a atenção para ofato do imaginário poder ser estudado não só como conduta, mas também comocampo e acaba deixando claro que não existem diferenças ontológicas entre atose campos, uma vez que, como produções humanas, nas quais não intervêm poderes sobrenaturais nem elementos infra-humanos, atos criam campos e campos são substratos a partir dos quais emergem atos.

A fim de realizarmos o presente estudo, operacionalizamos o método psicanalítico a partir de três procedimentos investigativos:

1. Procedimento investigativo de levantamento e seleção de postagens
2. Procedimento investigativo de registro do material
3. Procedimento investigativo de interpretação do material

O procedimento de levantamento e seleção de postagens se deu como busca de vídeos do *YouTube*, por meio da utilização dos descritores “depressãouniversitário”. A escolha desse material se deu em função da mídia denominada*YouTube* ser um importante canal de comunicação de experiências entre os jovens, entre outros tipos de conteúdo (Salmons, 2015). Para seleção do material utilizamos os seguintes critérios: a) que fossem depoimentos de pessoas que seidentificassem como pós-graduandos e b) que abordasse manifestamente a questão do sofrimento emocional de pós-graduandos. Foram selecionados para este trabalho preliminar os dois primeiros vídeos que atendessem a esses critérios.

O procedimento de registro do material ocorreu por meio da transcrição das falas veiculadas pelos vídeos. Assim, tanto os vídeos puderam ser revistos como os registros escritos puderam ser relidos repetidas vezes. Cabe ainda destacar que as transcrições representam um cuidado necessário uma vez que muitos materiais podem deixar de estar disponíveis na web sem aviso prévio.

O procedimento investigativo de interpretação do material foi cumprido revisitando os vídeos e suas respectivas transcrições, numa atitude de aberturaàs ressonâncias e impactos emocionais que o encontro com as manifestações dos *youtubers* geram. Utilizamos as premissas psicanalíticas, atenção flutuantee associação livre de ideias, seguindo as recomendações metodológicas de Herrmann (1979), tomadas como guias para a interpretação psicanalítica: “deixarque surja”, “tomar em consideração” e “completar a configuração do sentido afetivo-emocional emergente”. Por esta via chegamos à enunciação dos camposde sentido afetivo-emocional.

Finalizamos apresentando uma forma de discussão, que denominamos interlocuções reflexivas, que se caracteriza pela suspensão do uso do método, abandonando a atenção flutuante e a associação livre de ideias. Nesse momento, damos início a um trabalho reflexivo, abordando as principais questões que surgiram nos campos de sentido afetivo-emocional.

Interpretação e Interlocuções Reflexivas Preliminares

A consideração psicanalítica do material permitiu a produção interpretativa de três campos de sentido afetivo-emocional “Exigidos infelizes”,

“Exigentes insensíveis” e “Sistema cruel”. Apresentamos, a seguir, cada um dos campos.

O primeiro campo, “Exigidos infelizes”, organiza-se ao redor da fantasia de que os estudantes de pós-graduação sofrem por receberem demandas desmedidas de dedicação ao trabalho acadêmico.

O segundo campo, “Exigentes insensíveis”, organiza-se ao redor dafantasia de que os sofrimentos provocados pelas demandas desmedidas não encontram acolhimento por parte dos professores.

O terceiro campo, “Sistema cruel”, organiza-se ao redor da fantasia de que o modo como se organiza o sistema de pós-graduação contribui diretamentepara o sofrimento emocional de todas as pessoas nele envolvidas

Transcrevemos, a seguir, três trechos dos depoimentos estudados, cada um emergente de um campo.

No primeiro trecho, emergente do campo “Exigidos infelizes”, a questão do despreparo e da ansiedade parecem dominar a cena. A aluna se sente sem condições de dar conta dos compromissos assumidos, mas encontra, no atendimento psicológico, uma ajuda que se revelou decisiva.

Eu não tava dando conta de conciliar a dissertação e o canal, e era daí que vinha a minha fonte de renda, e eu não conseguia mais ter um momento delazer, eu não conseguia mais sentir prazer nas coisas. Quando eu estava fazendo algo da minha vida que não era dissertação, eu pensava que eu precisava estar escrevendo a minha dissertação. É sério. É horrível, mas é sério.E isso gera ansiedade, porque você nunca está vivendo aquele momento, vocênunca está vivendo o presente. Você está sempre pensando no futuro, em algoque você deveria fazer. E aí sua cabeça frita, e se você fica ansiosa, você não consegue produzir, sua tendência é procrastinar. E se você não produz, você fica mais ansiosa, e esse é um ciclo que nunca acaba. Porque você fica pensando no prazo que você tem que, no meu caso eu não consegui cumprir, eisso me deixou ainda mais ansiosa. Porque eu pensei: eu não vou terminar issonunca! Foi quando eu comecei a fazer terapia, já falei sobre isso num vídeo, e fiquei quatro meses longe do canal. Se não fosse isso, eu acho que não teria terminado minha dissertação. Sinceramente, eu não sei como eu estaria hoje.

Notamos, no caso deste trecho emergente do primeiro campo, que a estudante sofre por se sentir aquém do requerido, que fica dividida entre dedicar-se integralmente à tarefa de escrita da dissertação ou permitir-se cuidar de seu sustento e usufruir de algum lazer. A sensação de pressão é intensa, mas se mantém como autoexigência e como reconhecimento de normas externas, que impõem prazos. Não aparece, por outro lado, nenhuma crítica por ter que tirar seu sustento de outra fonte enquanto se dedica à pós-graduação.

No que se refere ao segundo campo, “Exigentes insensíveis”, notamos que, no trecho a seguir, fica evidente que o aluno também se sente pressionadoa apresentar uma boa produtividade acadêmica e infeliz por constatar, por si só, que não estava cumprindo os prazos estipulados pelas normas. Contudo, estas parecem se personificar na figura da orientadora que aterroriza, revelando, pelomenos em certa medida, que o estudante vivencia a situação como se aorientadora tivesse mais autoridade do que tem, já que parece não se dar contade que ela também está submetida a prazos como ele. De fato, tanto orientandocomo orientadora trabalham sob um sistema que se tem tornado cada vez maisexigente, em termos de metas de produtividade, configurando-se sempre de modo ameaçador e conforme estruturas paranoides de conduta. A orientadora aterrorizadora provavelmente é também a orientadora aterrorizada... Aqui, por excesso de zelo, cumpre lembrar que mesmo que o narrado se refira a uma orientadora pessoalmente descontrolada ou imatura, a adoção do “terror” como conduta se faz imensamente facilitada num ambiente organizado segundo um produtivismo neoliberal, que se nutre a partir de um equacionamento paranoide que divide bons e maus, superiores e inferiores, produtivos e improdutivos, e etc..

Na fase final da escrita da minha dissertação, já nas vésperas da defesa,eu emagreci quilos, e eu não dormia, eu não comia direito. E eu lembro que eu saía das reuniões de orientação chorando porque eu estava com o texto atrasado e a minha orientadora achava que um bom jeito de me incentivar era fazer terror psicológico comigo, dizendo que meu texto estava ruim e meameaçando de não conseguir defender em tempo. Não parou por aí! No começodo meu doutorado, além de todas as exigências com trabalhos e tudo mais, eu tive problemas sérios com a minha família. E por conta disso, eu quase desenvolvi depressão e a minha produtividade caiu completamente.

E eu não conseguia falar sobre isso no meu programa de pós-graduação. Até havia uma sensibilidade em relação a algumas coisas, eu entreguei trabalhos depois do prazo, e não tive problema com isso. Mas as coisas que me diziam em relação a isso era quase um apagamento em relação ao meu emocional. Um dia, um professor veio me perguntar o que estava acontecendo, e quando eu falei que tava tendo problemas com a família, principalmente por conta da minha sexualidade e por conta da minha militância, o professor respondeu que se eu não me expusesse tanto nas redes sociais, talvez este problema não tivesse acontecendo. Quer dizer, basicamente, ele pôs a culpa em mim, me sugeriu sutilmente voltar para o armário e me disse que eu tinha que me concentrar no que era mais importante que, no caso, não era minha saúde mental nem a relação com a minha família, era entregar os trabalhos no prazo. Em uma outrasituação, uma outra pessoa me disse que sofrer era uma escolha minha e que eu podia me concentrar nos meus problemas ou me concentrar em fazer um bomdoutorado, que era o que ia me trazer benefícios verdadeiros na vida.

A segunda parte do depoimento traz uma outra questão, ligada à vida sexual do jovem, que se encontra visivelmente empenhado em assumir um posicionamento sentido como mais autêntico, mesmo que desaprovado socialmente. Aqui ocorre mais um encontro infeliz com um professor pouco sensível, que recomenda a adoção de uma conduta baseada em análise fria dospróprios interesses e repressão de sentimentos, segundo uma visão imatura dapessoa humana como ser racional capaz de governar afetos e de escolher entresofrer e não sofrer.

Em relação ao terceiro campo, “Sistema cruel”, notamos, no próximo trecho, uma mudança interessante de posicionamento imaginativo e clinicamente significativo. No caso, o estudante não considera o sofrimento comodecorrente de conflitos internos ou de um orientador “mau”, mas, sim, como umresultado que se dá em condições concretas que afetam alunos e professores do sistema da pós-graduação.

Nesse caso, a primeira coisa que a gente precisa discutir é como a própriacultura da universidade, a própria cultura da academia contribue diretamente para o sofrimento emocional e psíquico das pessoas que estão envolvidas comela. O que a gente precisa questionar é a lógica que está na CAPES, no CNPq,nas reitorias, nas pró-reitorias, é a lógica que está na base dos critérios de avaliação, nos prazos, da exigência enorme por produtividade, é disso que a gente precisa falar, dando foco

em todo prejuízo excessivo que isso causa. O debate que a gente precisa levantar é o debate que a gente tem plenascondições de produzir conhecimento de qualidade, que a gente tem condição deproduzir conhecimento de excelência sem precisar acabar com a saúde mental das pessoas que estão na universidade brasileira.

Vemos, assim, que no primeiro trecho, aqui apresentado, a aluna se exige,não se queixa de orientadores e professores, não critica as normas do sistema de pós-graduação e consegue se resolver buscando ajuda psicológica. Ou seja,concebe-se como pessoa que está enfrentando dificuldades e admite a possibilidade de obter ajuda de outra pessoa, mas parece pairar ingenuamente no contexto institucional, sem abordar crítica e lucidamente a dimensão institucional do sistema de pós-graduação que, como sabemos, define-se a nívelministerial em nosso país

No segundo trecho, o estudante sente-se aquém do demandado, faz auto-exigências, queixa-se e busca culpados aos quais atribui, de certo modo,responsabilidade pelo seu sofrimento. Por outro lado, também não trata da dimensão institucional e das políticas que norteiam aquilo que, no cotidiano, expressa-se como exigências ao orientador e ao orientando.

Por sua vez, no terceiro trecho, fica nítido um posicionamento mais críticoque, ao considerar a dimensão afetiva-emocional dos atos humanos, não o faz a partir de compreensões internalistas, mas, sim, vinculares, levando devidamente em conta as situações nas quais as pessoas trabalham. O sofrimento vivido é vinculado ao modo como se organiza o sistema de pós- graduação, além do que se passa “entre” o aluno e professores ou colegas, incluindo a dimensão macrossocial, vale dizer, o modo como as políticas educacionais desconsideram as pessoas envolvidas.

Finalizamos lembrando que diante de sofrimentos sociais, como aqueles que focalizamos aqui, o atendimento psicológico, principalmente quando centrado no *holding,* pode revelar-se extremamente benéfico, na medida em quepode contribuir para o fortalecimento da gestualidade espontânea a partir da qual podemos transformar a nós mesmos e ao mundo em que vivemos (Medeiros e Aiello-Vaisberg, 2014). Entretanto, o sofrimento social também demanda, por si mesmo, a consideração de que o subjetivo, o pessoal, também é político, abrindocaminho para comunicações que favoreçam reflexões críticas sobre a vida sociale política e que incentivem movimentos sociais.

Referências

Bleger, J. (2007). *Psicologia de la conducta*. Buenos Aires: Paidós. (Original publicado em 1963).

Costa, E.F.O., Rocha, M.M.V., Santos, A.T.R.A., Melo, E.V., Martins, L.A.N., & Andrade, T.M. (2014). Common mental disorders and associated factors among final-year healthcare students. *Revista da Associação Médica Brasileira*, 60(6), 525-530. https://dx.doi.org/10.1590/1806-9282.60.06.009

Dejours, C. (1980). *Travail, usure mentale: de la psychopathologie à la psycodynamique du travail*. Paris: Bayard.

Graner, K.M., & Cerqueira, A.T.A.R. (2019). Revisão integrativa: sofrimento psíquico em estudantes universitários e fatores associados. *Ciência & Saúde Coletiva*, 24(4), 1327-1346. Epub May 02, 2019. https://dx.doi.org/10.1590/1413-81232018244.09692017

Greenberg, S. M., & Mitchell, S. S. (1983). *Object relations in psychoanalytic theory*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Herrmann, F. (1979). *O método da psicanálise*. São Paulo: Brasiliense.

Kleinman, A., Das, V. & Lock, M. (1997) *Social suffering*. Los Angeles: Universityof Califórnia Press.

Medeiros, C., & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2014). Reflexões sobre holding e sustentação como gestos psicoterapêuticos. *Psicologia Clínica*, *26*(2), 49-62.

Politzer, G. (1998). *Crítica dos fundamentos da psicologia: a psicologia e a psicanálise*. Piracicaba: UNIMEP. (Obra original publicada em 1928).

Salmons, J. E. (2015). *Doing qualitative research online*. Sage.

Silva, A.O., & Cavalcante Neto, J.L. (2014). Associação entre níveis de atividadefísica e transtorno mental comum em estudantes universitários. *Motricidade*, 10(1), 49-59. https://dx.doi.org/10.6063/motricidade.10(1).2125.

Silva, A.G., Cerqueira, A.T.A.R., & Lima, M.C.P. (2014). Social support and common

mental disorder among medical students. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 17(1), 229-242. https://dx.doi.org/10.1590/1415-790X201400010018ENG.

Vasconcelos-Raposo, J.; Soares, A.R.; Silva, F.; Fernandes, M.G.; Teixeira, C.M. (2016). Níveis de ideação suicida em jovens adultos. *Estudos de Psicologia* (Campinas), 33(2), 345-354. https://dx.doi.org/10.1590/1982-02752016000200016

Vizzotto, M.M.; Jesus, S.N.; Martins, A.C. (2017). Saudades de casa: indicativosde depressão, ansiedade, qualidade de vida e adaptação de estudantes universitários. *Revista Psicologia e Saúde*, 9 (1), p. 59-73.http://dx.doi.org/10.20435/pssa.v9i1.469.

Winkler, V. T. C. (2019). *Imaginário coletivo de mulheres jovens sobre tornar-se adulta*. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP.